

**“Jesus me ama quando faço programa”:
trauma e superação na narrativa de uma travesti evangélica**

EDUARDO MEINBERG DE ALBUQUERQUE MARANHÃO FILHO¹

Resumo: Ao pensarmos no campo religioso brasileiro, especialmente nas igrejas das variadas correntes cristãs, é comum que questões como as que envolvem as relações sexuais e afetivas e a constituição familiar através do casamento e concepção sejam *linkadas* à categoria da heteronormatividade. Entretanto, pululam desde a década de 1960 tentativas de acolher o público homossexual que não se coaduna com este estatuto: são as igrejas inclusivas LGBT. Dentre elas, destaco a Igreja da Comunidade Metropolitana, ou ICM, que traz como diferença em relação à maioria das demais o tratamento em relação à sexualidade do fiel. Apresento aqui parte de uma das entrevistas que realizei com líderes da igreja sobre suas histórias de vida, quando procurei identificar a questão da superação do trauma e como cada um conduz suas práticas afetivas e sexuais e assumem-nas perante os demais membros da igreja. A entrevista em questão é com a travesti Josiane Souza, secretária e cantora da igreja.

Palavras-chave: igrejas inclusivas LGBT – flexibilização da sexualidade – evangélicos

Cheguei às 15 prás seis no metrô Santa Cecília. O dia estava bonito, isto é, bonito até onde um enfumaçado domingo paulistano pode ser. Foi uma tarde quente e abafada. Caminhei pela rua Sebastião Pereira uns 100 metros até aportar em meu destino. Do lado de fora, coletores de lixo organizavam caixas de sobras de alimentos da feira dominical para levarem às suas casas, ladeados pelo caminhão de lixo estacionado, e na calçada oposta, um grupo de aproximadamente 12 moradores de rua encontravam-se sentados. Alguns, não obstante o calor que fazia encontravam-se enrolados em cobertores. Outros conversavam acaloradamente sobre assuntos os quais não pude distinguir dada a distância, enquanto alguns pareciam consumir *crack* e cola

¹ Universidade de São Paulo (USP), doutorando em História Social; Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), mestre em História do Tempo Presente. Contato: edumeinberg@gmail.com

de sapateiro. Todos entretidos com seus afazeres, não pareciam dar muita importância às pessoas do outro lado da rua, em sua maioria homens, que subiam os degraus em direção a mais um culto cristão evangélico.

O corrimão que auxiliava o acesso ao *hall* do andar superior encontrava-se iluminado para o Natal, prenunciando um pinheiro artificial recém-montado e que se acompanhava por uma mesa de venda de livros sobre teologia inclusiva e cruzes coloridas e outra de compartilhamento de refrigerantes, doces e salgados. Fui recepcionado por Ney, o qual já conhecia de outras visitas, e após cumprimentar algumas das pessoas que situavam-se no salão principal, sentei-me para ler o roteiro de celebração dominical.

O culto foi aberto por Josiane Sousa, que fez a acolhida de boas-vindas e procedeu a oração inicial e a leitura de um salmo, sendo acompanhada pelos cerca de 40 membros presentes. Na sequência, Josiane apresenta o grupo de louvor da igreja, do qual faz parte como uma das cantoras, capitaneada por seu irmão Levi de Souza, que ministra frente ao púlpito. Acompanhados ora por *playbacks*, ora por um violão (em outras ocasiões as vozes foram acompanhadas por Márcio Arruda em seu teclado), Levi conduziu os crentes da igreja através de cânticos típicos do pentecostalismo.

Logo após os cânticos Josiane retorna à frente do púlpito para ler trecho do Evangelho de Lucas. Ao contrário do que ocorrera no momento de louvor, quando a maioria das canções foram acompanhadas pela maior parte do público, a voz de Levi foi acompanhada em silêncio durante o cântico de contrição, onde preparou-se os crentes à escuta da mensagem dominical, conduzida pelo diácono Dário Sousa Neto, irmão de Josiane e Levi. A mensagem seguiu-se da ministração de dízimos e ofertas conduzida por Josiane.

Dario, em seguida, celebrou o rito da Santa Ceia, procedendo oração de agradecimento e consagrando o pão e o vinho (no caso, o suco de uva), e sendo acompanhado pelos fiéis no ‘Cordeiro de Deus, que tirai o pecado do mundo, tende piedade de nós; Cordeiro de Deus, que tirai o pecado do mundo, dai-nos a paz’ e na oração do Pai Nosso. Chamou-se então a todos que quisessem participar para que dirigissem-se à frente do púlpito para receberem do simbolismo do corpo e sangue de Cristo e serem abençoados

por um dos líderes da igreja. Como neste dia ausentaram-se os dois reverendos da mesma, o pastor Cristiano Valério e o padre Fausto Filice, bem como o diácono Thiago, conduziram a cerimônia Dario e Josiane.

Como percebe-se, afora o fato da hibridação ritual de elementos evangélicos e católicos, dando um toque ecumênico à liturgia, todo o culto transcorreu de maneira convencional e tradicional. O que muda é o fato de que os líderes da ICM, bem como a maioria dos seus membros, possuem orientação homoafetiva: os irmãos Dario e Levi são gays e sua caçula Josiane é uma travesti, e todos são vindos da Assembléia de Deus. Uma reunião evangélica, com elementos litúrgicos católicos, e conduzido por três irmãos homossexuais é algo que, como considero, representa espécie de transgressão em relação ao que acostumou-se a pensar de um culto evangélico ou de uma missa católica, e uma ministra de louvor travesti, e que tem sua renda como garota de programa, mais ainda.

Trecho do meu diário de campo de 21 de novembro de 2010

Apresento aqui, através de entrevista com a travesti evangélica Josiane Souza, o tratamento dado à sexualidade por uma igreja inclusiva LGBT, a ICM (Igreja da Comunidade Metropolitana). A partir de trabalho empírico previsto pelo projeto intitulado “Deus do arco-íris: história oral de igrejas inclusivas LGBT”, questões foram sendo interpoladas, como: estas igrejas aceitam todo o tipo de público ou apenas gays, lésbicas, bissexuais e travestis? Como a sexualidade e afetividade do fiel é tratada? Há uma maior ou menor normatização das regras de conduta em relação às igrejas evangélicas heteronormativas? Qual o passado religioso e/ou na militância LGBT dos frequentadores? Estas igrejas incluem outros rejeitados pelas igrejas?

Gostaria, antes de tudo, de fazer notar as motivações para o planejamento e desenvolvimento deste projeto de história oral.² Em maio de 2010, zapeando um pouco

² Procuo me utilizar das técnicas da história oral como entendida pelo NEHO – Núcleo de Estudos de História Oral da Universidade de São Paulo, coordenado por José Carlos Sebe Bom Meihy, núcleo o qual faço parte como pesquisador.

na tevê do quarto de um hotel onde estava hospedado, na cidade de Viçosa, Minas Gerais, aportei no programa Superpop, conduzido por Luciana Gimenez, onde acontecia um acalorado debate entre pastores evangélicos.

Ora, ter a companhia dos televangelistas é algo já naturalizado (quase normatizado) há alguns anos, graças às aparições diárias de R.R.Souares, da Internacional da Graça de Deus, no horário nobre da Band, passando pela compra da Record por Edir Macedo, da Universal do Reino de Deus e chegando à aquisição de canais evangélicos como a Rede Gospel, da Renascer em Cristo e a locação de horários em emissoras diversas por um sem-número de pregadores, dentre eles Valdemiro Santiago da Mundial do Poder de Deus e Silas Malafaia da Assembléia de Deus Vitória em Cristo.

Certamente o centro das discussões apresentadas pelo programa de Gimenez – se Deus e a Bíblia aprovariam ou não a homossexualidade – é assunto largamente examinado por estes pastores televisivos, mas o debate que ocorreu no Superpop parece ter transcendido seus julgamentos costumeiros, visto que de um lado encontravam-se pastores homofóbicos – que advogavam a homoafetividade/sexualidade como pecado, afronta, doença e deformidade moral, e por isto passível de rejeição do fiel – e do outro o casal de pastores Marcos Gladstone e Fabio Inácio, da Cristã Contemporânea, igreja inclusiva carioca que abriga a comunidade LGBT sem lhes exigir “conversão à heterossexualidade”.

Como meu trabalho de mestrado em História do Tempo Presente³ tangenciou questões como a normatização e a flexibilização em relação aos usos e costumes e à sexualidade do fiel da igreja neopentecostal Bola de Neve – aquela conhecida por receber surfistas, skatistas, modelos e famosos -, uma curiosidade minha situou-se em descobrir: estas

³ O título de minha dissertação é ‘A grande onda vai te pegar: mercado, mídia e espetáculo da fé na Bola de Neve Church’, tendo sido apresentada em fevereiro de 2010 no PPGH da UDESC, cuja área de concentração é a História do Tempo Presente. A pesquisa recebeu a orientação e co-orientação de Márcia Ramos de Oliveira e de Artur César Isaia.

igrejas seriam, a exemplo da que analisei, rígidas em relação às práticas sexuais - ou seriam mais flexíveis?⁴

Através deste trabalho, que se iniciou em meados de julho e se encontra em andamento, identifiquei algo que me deixou ainda mais sensível ao tema: a maior parte dos integrantes destas igrejas é formada por evangélicos “de berço” que sofreram discriminação, rejeição e exclusão por parte de suas antigas igrejas, muitas vezes internalizando a homofobia e chegando, em alguns casos e em momentos de desespero, ao desenvolvimento de síndromes psiquiátricas, a automutilações e a tentativas de suicídio. Aqui, tangencio o aspecto do trauma psicológico e de suas seqüelas, e também da possibilidade de superação através da fé religiosa. Entendo que a história oral possa funcionar como ferramenta de empoderamento da voz de indivíduos e grupos que de alguma forma são excluídos pela sociedade. Quiçá o estudo das religiões, amparada pela metodologia da história oral, possa ser instrumento de exercício da tolerância, e mais que isto, do respeito, da escuta do próximo e do aprendizado com o diferente.

A Fraternidade Universal das Igrejas da Comunidade Metropolitana, ou FU-ICM, surgiu nos Estados Unidos em 1968, através do reverendo Troy Perry, ex-ministro batista, filho de mãe batista e pai pentecostal. Perry foi casado com a filha de seu pastor como forma de libertar-se de seus desejos já latentes por pessoas do mesmo sexo. Em 1962, ainda casado, resolveu aceitar e assumir sua orientação sexual, sendo excomungado da igreja pentecostal que frequentava à época. Depois de cinco anos de casamento, divorciou-se de sua esposa e em seguida, sentindo-se traído e rejeitado por Deus, tentou suicidar-se. Um ano depois, começou a compreender ser possível a associação entre o cristianismo e a homossexualidade, fundando então a ICM em Los Angeles, com 12 congregados. Segundo o sítio da igreja, hoje a denominação possui mais de 60 mil membros em 22 países ao redor do mundo, com seis unidades no Brasil.

⁴ Em minha dissertação uso dos termos *congelado* e *derretido* para caracterizar os discursos da Bola de Neve Church sobre seu fiel: um se coaduna à ideia da rigidez doutrinária, enquanto o outro contempla certa flexibilização em relação a alguns dos usos e costumes do frequentador bolardiano, como o uso de gírias, adornos, tatuagens, *piercings*, vestimentas, etc.

Autor de livros como ‘O Senhor é meu pastor e Ele sabe que eu sou gay’ e ‘Não tenho mais medo’, Perry discutiu os direitos da população LGBT com presidentes como Jimmy Carter, em 1977, e Luis Inácio Lula da Silva, em 2003 – neste caso discutindo o Programa Nacional por um Brasil Sem Homofobia. Perry é casado com Philip Ray DeBliiek, do qual é companheiro há mais de 20 anos. Desde 2005 as ICMs são moderadas por uma mulher, a reverenda Nancy Wilson, que visitou o Brasil em 2006.⁵

Desde a década de 2000 surgiram tentativas mais ou menos bem sucedidas de implantação de igrejas inclusivas em diversas cidades brasileiras, especialmente em São Paulo. Nesta cidade, as primeiras iniciativas couberam à Igreja Cristã Gay, ao CAEHUSP e à igreja Acalanto, todos extintos. Em 2004 surgiram a igreja Para Todos e a Comunidade Cristã Nova Esperança (CCNE), ambas evangélicas de tendência pentecostal, e em 2010, também situada no bairro de Santa Cecília, a igreja Nova Geração.

Em comum às demais igrejas evangélicas, boa parte delas traz uma notável normatização da sexualidade e afetividade dos crentes: direcionam-se ao público LGBT e procuram regular a sexualidade do mesmo a partir de categorias tradicionais como o casamento entre ‘irmãos’ promovido pelo sacerdote oficial - ou como queria Pierre Bourdieu, a ‘voz autorizada’ (ou como ainda entendo, sacralizada) -, precedido pelo namoro ‘santo’, ou seja, com a anuência do pastor e a abstinência de sexo pré-nupcial. Uma destas exceções está na ICM, onde a sexualidade é medida de modo mais alternativo: o crente deve, preferencialmente, fazer sexo antes do casamento, já que a vida sexual ativa, prazerosa e saudável seria condição *sine qua non* para o sucesso no casório.

⁵ **História da ICM.** Disponível em: www.icmsp.org/novoportal/index.php/historia-da-icm.html. Acesso em: 12 de novembro de 2010.

Minha entrevista com Josiane - nascida Josué -, a caçula dos irmãos Levi e Dario Souza (respectivamente cantor e diácono da igreja) foi realizada no apartamento de Dario no CRUSP (Conjunto Residencial da USP), visto que o mesmo faz doutorado em letras nesta universidade, numa quinta-feira dia 04 de novembro, por volta das 16h. Este dia foi marcado por um ato público contra a homofobia promovido pelo grupo Prisma, liderado por Dario e pela ICM, que teve como representantes os reverendos pastor Cristiano e padre Fausto e diversos membros, dentre eles Levi e Josiane. A entrevista com Josi interpolou momentos de entusiasmo e de certa melancolia. Eis abaixo o resultado parcial da mesma.

Meu nome é Josiane, tenho 23 anos, sou uma travesti evangélica. Travesti é uma pessoa que nasceu em um corpo masculino, mas se sente uma mulher, tem desejos de mudar seu corpo e não tem problemas com seu órgão genital masculino... tanto faz como tanto fez... não é como o transsexual, é a pessoa que nasceu no corpo masculino e sente uma mulher mas não aceita seu órgão genital... sofre, tem delírios, às vezes se mutila... fazem cirurgia... eu não me entendo como homossexual. Porque o travesti é uma mulher. Mesmo tendo o órgão genital masculino, é uma mulher. Tem atitudes de mulher, sonhos... anda como mulher, pensa como mulher, age como mulher... claro, há momentos que pensa como homem também. Quer ver um exemplo? Se eu tivesse de brigar com um cara eu pensaria como homem... não ia brigar como uma mulher, dar um tapinha na cara dele... ia enfiar um soco na cara dele! Porque querendo ou não eu estou num corpo de homem... eu tenho uma força física de um homem. E tem algumas travestis que fazem programa que metem a mão mesmo! E o homem que sai com uma travesti é hetero. Porque está saindo com uma mulher... uma mulher que tem um corpo feminino e tudo. Na minha concepção é hetero. A maior parte do público que eu atendo é ativo, porque eu tenho traços femininos e delicados, esta é a minha característica. Então chama mais a atenção de homens ativos. Mas também atendo homens passivos, que preferem que a travesti seja a ativa... mas em geral não.

Na segunda empresa que trabalhei, que era de telemarketing como a primeira, e mesmo lá poucos me chamavam pelo meu nome de registro, que é Josué... a maioria já me chamava de Josi... mesmo nesta época em que eu me definia como homossexual, eu sempre era chamada de Josi. Eu ficava muito confusa, pois eu queria andar como mulher, me vestir como mulher, queria colocar peito e fazer tratamentos mas tinha medo... queria tomar hormônio mas não sabia como funcionava... era totalmente inocente... hoje eu já entendo como funciona... hoje já não tenho mais medo. E no final do ano de 2007, eu conheci alguém numa balada, fui me aproximando e em dezembro recebi o convite prá ir a uma igreja num culto natalino... e mesmo com o pé atrás com igrejas, aceitei o convite e combinei com ele de ir. Na realidade eu tava indo não por causa da igreja, mas por causa dele. No dia eu tava me arrumando, e o Dario me viu me arrumando e perguntou 'você vai sair?' e eu falei 'vou'. Ele falou prá onde você vai, eu falei 'vou sair com o Robson', e ele disse, 'desmarca com ele que eu quero te levar noutra lugar'. Eu falei 'não! Eu vou com ele! Já combinei com ele e não vou desmarcar não!'. Ele ficou me enchendo o saco, tanto ele como o Levi, ficaram na minha cabeça... mas eu nem quis saber... mas encheram tanto meu saco que eu liguei prá desmarcar tudo, e eles comentaram então que era prá me levar numa igreja. Aí quando liguei falei que eles tavam querendo me levar prá uma igreja e que ia ter de desmarcar. Então o Robson perguntou que igreja era, o nome e tal, e eu não sabia. Aí passei o telefone pro Dario e eles começaram a conversar. E identificaram que era a mesma igreja! Aí eu disse, 'que bom, então vamos'. Então nos encontramos com ele na igreja e ficamos todos juntos lá. E creio que não exista coincidência, Deus sempre mexe nas coisas prá acontecer o melhor... Quando cheguei na igreja lembrei da palavra daquela senhora que disse que Deus ia me carregar prá um lugar que me aceitasse. Quando conheci a ICM foi em final de 2007 e eu amei! Me senti bastante acolhida e fiquei. Sempre cantei... ajudei no que podia... eu uso a minha voz para agradecer a Deus, é através do louvor que agradeço as coisas maravilhosas que Deus tem feito por mim. Todas as coisas

que ele fez provando que é fiel na minha vida... cantando eu agradeço... o louvor na minha vida é muito importante.... todas as igrejas por onde passei, ao descobrirem minha orientação sexual me impediram de cantar e me discriminaram. Não deixavam por eu ser homossexual. E quando me impediam de cantar ou ajudar na obra da igreja, eu acabava me entristecendo e me afastando.

Quando me aceitei como travesti, foi um ano depois. Na época eu era secretária da ICM e aí eu fui fazer uma viagem com o reverendo. Aí fui prá uma viagem com o Rev, mas eu não assumia ser uma travesti apesar de ir maquiada e tudo. Então o reverendo sentou comigo e começou a conversar. Ele perguntou 'o que vai no seu coração? Como você se sente bem?' Eu disse 'Cris, eu me sinto muito bem quando estou como mulher, não que eu tenha vontade de me operar, isto eu não tenho... mas eu me sinto bem vestida como mulher, me passando por mulher e sendo tratada como mulher. Ser vista como mulher...' e ele disse 'então gata, você é travesti'.

Aí ele foi me explicando o que era ser travesti. Naquela época eu tava com 21 anos. Aí fui perdendo o medo de algumas coisas e acabei entendendo direito quem sou... a partir daquele dia, fui me aceitando melhor. Tanto que em 2009, no retiro da ICM, eu me batizei... pois quando eu estava na Assembléia, quem foi batizado foi o Josué. E quando fui prá ICM me entreguei a Deus sem máscara nenhuma, sem fingimentos... e como Josiane.

Fiquei uns meses fora da igreja, por problemas pessoais, mas quando retornei, foi o momento mais feliz da minha vida. Eu fui até a casa do reverendo, e falei como estava me sentindo, e ele me disse 'ô gata, sabe o que acontece? Você está querendo voltar prá casa do pai, mas você está querendo voltar como jornalista, como empregada, só que Deus é tão generoso, tão amoroso, que ele vai te pegar no colo, colocar a melhor roupa que ele tem, a melhor sandália que ele tem, o melhor anel no seu dedo, e vai fazer o melhor banquete. Porque você voltou. A filha pródiga dele voltou. Que tinha pegado parte da herança que lhe cabia, foi gastar no mundo, depois de gastar tudo ficou entre os porcos, comendo larvas prá sobreviver, lembrou que os

empregados comiam melhor que o que você comia e então você voltou. E ele estica o braço mais aberto e abre o sorriso mais largo ainda... porque todo o momento ele estava esperando você voltar. Aquilo mexeu comigo, sabe? Chorei muito, e vi que realmente Deus me amava. Eu comecei a perceber que eu podia levar o amor de Deus a muitas pessoas que estão morrendo, que estão sendo desprezadas em igrejas e outros lugares, que estão sendo humilhadas. Que se afastam de Deus sem conhecer realmente o amor dele. Muitas pessoas estão se matando. Muitas pessoas entendem que não merecem o amor de Deus e acabam se matando. Mas Deus ama igual a todos e quer bem a todos. O problema é que a maioria dos 'evangelocos' não entendem que Deus ama a todos de modo igual. E deixar o amor de Deus entrar significa aceitar. Não só os homossexuais se matam por não reconhecerem o amor de Deus e acreditar que Deus os condena, o que não é verdade, como muitas outras pessoas se sentem rejeitadas por Deus por entenderem que erraram ou pecaram. Mas não é assim. Deus ama a todos igual... o melhor momento da minha vida foi a volta, o retorno à ICM depois de uns meses que fiquei fora. Eu senti muita paz, muita segurança, muito acalentada mesmo. Me deu uma vontade muito maior de viver, de continuar a viver... de continuar a lutar pelos meus espaços e direitos... este sentimento cresceu novamente mas de uma forma bem maior. O amor de Deus veio prá minha vida e eu senti de uma forma muito maior. Agora, o meu 'sim' foi um 'sim prá sempre'.

Eu tomo hormônio feminino e ele vai alterando várias coisas, uma delas é a voz. Então estou querendo voltar a fazer aulas de canto, pois estou constantemente tentando reeducar a minha voz, que se torna mais feminina a cada dia. O hormônio vai modificar muita coisa ainda, meu rosto, meu corpo vão ficando mais femininos, eu tenho vontade de colocar prótese nos seios também... mas não penso em fazer cirurgia de alteração de sexo, não... só quero ficar bem feminina...

Em relação a trabalho... eu trabalhei em empresas de telemarketing mas sofri preconceito, principalmente depois que me identifiquei como travesti. E como eu saí da casa da minha mãe, eu acabei descendo, trabalhando na avenida com programas prá eu poder me estabilizar, me organizar, deixar minha vida financeira mais tranquila... e também para ter dinheiro para fazer minhas cirurgias... Acho que vou ser mais bem aceita quando tiver mais feminina... mas acho também que nas fases em que eu não era bem aceita isto aconteceu porque na verdade eu que não me sentia bem comigo mesma, sabe? Eu não sentia bem com meu corpo. A partir do momento em que fui me sentido bem comigo mesma, tudo começou a melhorar. Isto só ocorreu quando fui me aceitando.

Eu canto na igreja, ajudo a conduzir o culto, dou alguma palavra, ajudo na intercessão e oração... enfim sirvo na igreja e sou uma referência... e ao mesmo tempo, faço PGs na avenida (programas)... o que a ICM prega é que Deus não nos julga pelos nossos atos, como outras igrejas fazem. Deus não vai me rejeitar por ser gorda, ou ser pobre, ou ser travesti, ou por fazer programas. Esta não é a visão da ICM. A ICM é uma igreja que inclui todos no amor de Deus. Na Assembléia, por exemplo, para fazer parte do corpo de membros, eu teria de cortar meu cabelo, andar como homem, usar roupas masculinas, namorar e casar com uma mulher e depois ter filhos, trabalhar numa empresa e sustentar casa, ser um homem de bem que cuide de meus filhos e esposa. São regras sociais mas Deus vai muito além disto. Eu trabalho atualmente como profissional de sexo, mas não sou menos amada, acolhida ou aceita por Deus. Isto vai além do que a sociedade vê ou prega, porque Deus é mais do que isto.

Eu sou profissional do sexo e estou numa igreja fazendo parte do grupo de louvor e ministro o amor de Deus... é uma coisa bem diferente sim!

Porque isto não seria aceito em outros lugares. Numa igreja você tem de seguir o padrão, ser assim e assado. Para a igreja evangélica mais

tradicional, para Deus estar com você, você tem de seguir uma lista de regras. Para você não ser condenada, você tem de seguir estas normas que são determinadas por eles, e não por Deus. Não pode cortar cabelo de um jeito, o homem e a mulher devem usar roupas adequadas, especialmente nas igrejas mais pentecostais, como a Assembleia mesmo. A mulher tem de usar roupas que cubram seu corpo... não se pode ter relações antes do casamento... só depois mesmo... são regras ditadas por homens, não por Deus. Eu comparo a época que vivemos hoje com a época em que Cristo estava na Terra. Ele veio prá fazer uma revolução em relação ao verdadeiro amor de Deus. Os fariseus usavam a Lei dos 10 Mandamentos prá 'crescer' em cima das pessoas, julgando as pessoas e discriminando elas do amor de Deus. E Jesus veio mudar tudo isto. Ele deu um novo entendimento do amor de Deus através do Evangelho. Eu comparo o que eu vivo hoje com a época de Jesus. Porque os evangélicos são quase iguais aqueles fariseus. 'não pode isto não pode aquilo'. É uma ditadura de regras. E o mandamento de Jesus é prá amarmos uns aos outros como a nós mesmos. Isto que a gente prega aqui: o amor de Deus, sem distinguir ninguém. Deus ama a todos. Independente do que penso, de como ajo, das minhas atitudes.

O Rev Cris já falou comigo assim: 'como eu vou levar o amor de Deus a uma travesti se eu não sei o que é ter uma vida de travesti, ou saber o que uma travesti passou?'. Então tem coisas que acontecem na vida da gente que a gente não entende no momento mas vai nos ajudar lá na frente. Lá na frente entende o porque das coisas que acontecem. O reverendo diz que não vai me criticar de jeito nenhum nem vai me rejeitar, mas que claro, não gostaria que eu estivesse trabalhando com programa. Não exatamente pelo fato de eu estar vendendo meu corpo, mas pelos riscos que eu corro, especialmente em relação à violência, pois a homofobia ainda é muito forte e a violência com os homossexuais muito grande. Risco de eu ser assassinada, de alguém me pegar e me bater... sofrer qualquer tipo de violência... umas três ou quatro vezes tentaram me agredir. Aonde eu trabalho tem um drive in, e então todas as vezes eu corri prá dentro do drive in. Agora se

não dá prá correr e fugir, tem de enfrentar. Aí a gente pega um pedaço de pau, alguma coisa e vai prá cima deles.

A primeira vez que eu quase sofri violência foi numa sexta-feira. Passaram de carro e quase me atropelaram, se eu não tivesse corrido prá dentro da calçada eles me atropelavam. Eles desceram a rua, abriram a porta, fecharam e deram a ré. Quando eles voltavam fui entrando no drive in. Eles entraram com o carro, quebraram uma garrafa na cabeça de uma menina... fizeram todo o auê. Na segunda vez eu tava sentada na porta do drive in, que tem uma mureta que dá prá sentar, e subiu a famosa 'gangue de motoqueiros'. São motoqueiros que se juntam e saem com pedaços de pau, pedaços de pedra... com ferro, com coisas assim... e vão prá cima das meninas. Eles são famosos naquela área. Já teve casos também do cliente sair comigo e achar que tá saindo com uma mulher e só depois ver que sou uma travesti, e não querer pagar meu programa... já aconteceu... ele pediu prá eu devolver o dinheiro, e eu falei que não ia devolver... ele veio prá cima de mim e me agrediu, mas eu também agredi ele... saí e tudo e quando ele veio atrás de mim as meninas já me ajudaram. Ele estava a pé... e quando as meninas viram que ele estava vindo prá cima de mim prá me bater, as meninas vieram e ele fugiu. Lá é assim: se uma sofre todas sofrem. O homem hetero geralmente não vai ajudar. Não vai ajudar uma travesti... por causa do preconceito mesmo. Quer ver? Teve um caso que aconteceu com uma amiga minha, que estava dentro do metrô, e entraram uns pivetes e começaram a zoar ela... e tava bem claro que ela tava sendo agredida verbalmente por ser travesti. Quando ela foi descer do vagão um cara deu uma bicuda no pé dela, um cara que não tinha nada a ver, tava só escutando... quando ela foi descer ele chutou ela. Ou seja, é o preconceito... lá na rua é assim: se a gente vê que uma vai sofrer violência a gente corre prá defender. Entende? Este é o motivo do reverendo não querer que eu faça programa. De eu sofrer qualquer violência. Não bem pelo fato de eu estar na rua vendendo o corpo. Lá na ICM a gente tem o seguinte ditado: Deus deu a vida prá cada um e cada um cuida da sua. Se é difícil cuidar da minha, vou cuidar só da minha, não vou cuidar da dos outros. Se é o momento de eu me

sustentar desta forma, Deus sabe quais são as minhas necessidades, que prá eu poder me manter e guardar um pouco de dinheiro prá me operar é desta forma...

Eu não ou o tipo de pessoa que sai por aí pregando o amor de Deus... fazendo proselitismo... Às vezes as meninas perguntam qual a minha religião, elas acham interessante e eu vou explicando... eu conto a minha experiência, eu conto a minha vida. Eu acredito que é melhor eu levar o amor de Deus prá elas através das coisas que eu vivi, que eu senti... não pegar um livro da Bíblia e ficar falando de algo que não é da realidade delas... é mais fácil eu levar o amor de Deus prá estas meninas através do que aconteceu com a minha vida... dando uma palavra de consolo e carinho eu tou levando o amor de Deus. Quando acontece de eu comentar sobre a igreja, não falo prá ela se tornar membro da igreja. 'Vamos que lá vai acontecer algo'... não, eu vou falar simplesmente que Deus te ama. A minha forma de levar o amor de Deus é esta: falar da minha experiência com Ele. Não é a minha função, escutar uma pregação ela escuta na igreja. Eu sirvo a Deus cantando e vivendo o amor de Deus. Mesmo na avenida. Quando a gente vive o amor de Deus a gente acaba levando ele prá muitas pessoas.

Mas entendo ainda além: creio que Deus está comigo onde quer que eu vá. Eu estou descendo prá avenida, fazendo meu programa e a todo o momento sei que Deus está ali comigo. Ele está ali do meu lado, está me ajudando, está me protegendo... Eu oro prá Deus me proteger antes, durante e depois dos programas. Deus está comigo a cada minuto, até durante os pegês. Deus me ama em todo o lugar... inclusive na avenida. Deus me ama. Deus está comigo em todo o lugar. Se eu for no dark room, Ele está lá comigo. Eu estou na avenida trabalhando, fazendo programa, Ele tá lá comigo. Eu tou ali com o cliente no procedimento de um programa, Ele tá ali comigo. Me protegendo, não deixando que nada de ruim aconteça, porque eu sou filha d'Ele. Deus me ama no dark room e na avenida. Jesus me ama quando eu faço programa. Eu entreguei a minha vida a Ele, eu

entreguei a minha alma a Ele. Então Ele está comigo e eu tenho esta certeza. Muitos falaram que Deus não está comigo, em muitos momentos. Mas eles não conseguem tirar isto de mim. Esta certeza que eu tenho é porque eu vivi minhas experiências com Ele. Este amor de Deus que eu tenho na minha vida é algo que veio até a mim. É um sentimento que cresceu em mim em todos os momentos. Deus quem provou que estava ao meu lado me protegendo sempre. Esta fé ninguém vai tirar, ninguém.

Em relação a relacionamentos eu sofri bastante. Hoje em dia as pessoas querem relacionamentos sem compromissos, só sexo, e o que eu gostaria mesmo era de uma relação estável, com amor, respeito, admiração, carinho, fidelidade. O meu sonho é ter um relacionamento hetero. Eu trabalhando, ele também... Acho que é o que toda pessoa quer né?⁶

Referências bibliográficas

Apostila de Liturgia da Igreja da Comunidade Metropolitana. São Paulo, 2010.

FEITOSA, Alexandre. **Bíblia e homossexualidade: verdades e mitos.** Rio de Janeiro: Metanóia, 2010.

RETAMERO, Márcio. **Banquete dos excluídos.** Rio de Janeiro: Metanóia, 2009.

_____. **Pode a Bíblia incluir?** Rio de Janeiro: Metanóia, 2010.

SILVA, Cristiane de Oliveira Silva; OLIVEIRA, José Fernando Martins de. **Travestidas: caminhos marcados por batom e preconceito.** Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Faculdade Prudente de Moraes. Orientado pelo professor Adauto Molck. Itu (SP): 2010.

⁶ Entrevista com a cantora Josiane de Sousa. Realizada por mim em 04 de novembro de 2010.